

IV SIMPÓSIO LUSOBRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA



IV Simpósio LusoBrasileiro de Cartografia Histórica

Porto, 9 a 12 de Novembro de 2011

ISBN 978-972-8932-88-6

Joaquim Manuel Rodrigues dos Santos -

joaquimr.santos@gmail.com

Escuela Superior de Arquitectura y Geodesia de la Universidad de
Alcalá de Henares [Madrid]

Sidh Daniel Losa Mendiratta- sidh77@gmail.com

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

«...A MELHOR COUSA QUE VOSSA ALTEZA TEM NESTAS PARTES». REPRESENTAÇÕES DAS CIDADES DA PROVÍNCIA DO NORTE DO ESTADO DA ÍNDIA (SÉCULOS XVI - XVIII)

Resumo

A presente comunicação tem dois objectivos: descrever e analisar sumariamente as representações de origem portuguesa das quatro cidades da antiga Província do Norte do Estado da Índia – Baçaim, Chaul, Damão e Diu - desde meados do século XVI até fins do Século XVIII; e compilar todos os documentos iconográficos e cartográficos de produção portuguesa respeitantes ao mesmo território histórico. Eventualmente, uma próxima comunicação ou artigo abordará a documentação de origem não-portuguesa sobre o mesmo território. Escolhemos a Província do Norte como objecto de estudo por ser uma das parcelas mais importantes do Estado da Índia, tanto do ponto de vista económico como do ponto de vista militar. Para além disso, este território é ainda algo desconhecido por parte da historiografia, especialmente os seus aspectos geográficos, urbanos e arquitectónicos. Precisamente sobre a evolução das suas quatro cidades e respectivas defesas, existe um significativo conjunto de representações iconográficas que constituem uma preciosa fonte para o seu estudo. Mediante a análise aprofundada e comparativa de ## imagens, desde os roteiros de João Castro até à cartografia Pombalina, e através da sua confrontação com imagens de satélite, a observação directa dos locais, e cotejando-as com as fontes escritas, constata-se o seu valor enquanto fonte documental da história das suas cidades. Dada a extensão e importância do *hinterland* da Província da Norte, este era pontuado por várias estruturas edificadas, algumas das quais também foram representadas. Nesse sentido, estes documentos também são abordados, ainda que de forma sintética na presente comunicação.

Palavras-chave: Índia, Portugal, Cidades, Fortificação, Idade Moderna,

Abstract

This text has two main objectives: to describe and analyze iconographic and cartographic documents of the four urban settlements of the Northern Province belonging to the former *Estado da Índia* – Baçaim, Chaul, Damão and Diu – produced by Portuguese authors between the mid-16th and 18th centuries; and to compile a list of all remaining documents of Portuguese origin pertaining to the same historical territory. For just over two centuries, the Northern Province was one of the most important colonial territories of the *Estado da Índia*, both from an economic and a defensive perspective. This historical territory has been somewhat neglected by historiography, especially its territorial, urban and architectural history. However, there is a considerable amount of representations of the territory's four urban settlements and these are crucial to understand its history. Through an in-depth comparative analysis of these images, from the *Roteiros* of João de Castro to the cartography produced during the time of the Marquis de Pombal, and by confronting these images with written sources, satellite imagery and direct observation, one can ascertain their values as historical sources for the aforesaid urban settlements. Given its size and economical importance, the Northern Province's hinterland was also provided with many and diverse defensive structures, some of which were equally depicted in images. Therefore, these representations are also described – albeit briefly – in the present text. Eventually, a forthcoming text will describe documents representing the same cities and territory but of non-Portuguese provenience

Keywords: India, Portugal, Cities, Fortification, Modern Age

Introdução

A partir de meados do século XVI e durante quase dois séculos, a Província do Norte constituiu a mais extensa parcela territorial do Estado da Índia¹. Inicialmente atraídos pelo comércio do Golfo de Cambaia, os portugueses cedo estabeleceram feitorias nas cidades costeiras de Chaul e Diu. Contudo, foi apenas com a cedência da cidade de Baçaim e seu distrito em 1534 que teve origem a Província do Norte. Esta foi ampliada em 1559 com a conquista de Damão e sua jurisdição, fixando-se assim as suas fronteiras. Neste território, que no seu auge terá tido uma dimensão semelhante à do Algarve, os portugueses desenvolveram uma economia de exploração agrícola assente num sistema semi-feudal, com algumas analogias ao processo de colonização do Brasil. A sua importância económica para o Estado da Índia está patente nas palavras de Simão Botelho, que afirmou ser a Província do Norte “a melhor cousa que Vossa Alteza tem nestas partes”². Enfraquecida comercialmente a partir de meados do século XVII, especialmente a partir da fixação inglesa em Bombaim (1665), a Província do Norte resistiu até 1739, data em que foi conquistada pelos exércitos maratas. Permaneceram como relíquias deste território as cidades de Damão e Diu até à extinção do Estado da Índia em 1961.

As praças fortificadas deste território são exemplos de assentamentos urbanos com estruturas defensivas notáveis que ainda estão, de modo geral, em bom estado de conservação. Em Baçaim e Chaul permanecem também os

¹ Para uma introdução à história da Província do Norte do Estado da Índia, v. ROSSA, Walter. Enquadramento I: Província do Norte e Norte da Índia. In MATTOSO, José, ROSSA, Walter (Org.). Património de Origem Portuguesa no Mundo: arquitectura e urbanismo — Ásia e Oceania. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010; TEIXEIRA, André. Baçaim e o seu território: política e economia (1534-1665), dissertação de Doutoramento em História, especialidade em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, (texto policopiado), 2010, pp. 20-61; ANTUNES, Luís Frederico. Província do Norte. In LOPES, Maria de Jesus dos Mártires. O Império Oriental (1660-1820), Vol. V, Tomo 2. In SERRÃO, Joel, MARQUES, A. H. de Oliveira (Org.). Nova História da Expansão Portuguesa. Lisboa: Editorial Estampa, 2006, pp. 207-264.

² Carta de Simão Botelho ao rei D. João III datada de 28 de Dezembro de 1548, pub. in FELNER, Rodrigo de Lima. Subsídios para a História da Índia Portuguesa (...). Lisboa: Typographia da Acedemia Real das Sciencias, 1868, p. 7.

vestígios dos edifícios nobres das cidades, especialmente, de cariz religioso e partes do seu traçado viário. Como Damão e Diu nunca foram totalmente abandonadas, permanecem mais estruturas urbanas de origem portuguesa, embora muitas tenham sido profundamente alteradas.

Entre meados do século XVI e o fim do século XVIII, foram produzidos vários documentos iconográficos e cartográficos que constituem elementos essenciais para o estudo da evolução das cidades da Província do Norte. As primeiras representações conhecidas são da autoria de João de Castro e de Gaspar Correia, as únicas conhecidas elaboradas no século XVI. Na centúria seguinte, as obras de Manuel Godinho de Herédia, cartógrafo ao serviço do Estado da Índia, e aquelas associadas a Pedro Barreto de Resende, secretário do vice-rei, tiveram grande impacto tendo sido amplamente reproduzidas. Já no século XVIII, no âmbito da derradeira campanha luso-marata, foram elaboradas várias representações de Baçaim e outros locais do seu distrito. Na segunda metade de Setecentos produziram-se ainda vários documentos cartográficos de Damão e Diu, com destaque para o período pombalino.

Este conjunto de documentos foi objecto de análise aturada, tendo sido comparada com imagens de satélite das cidades e com levantamentos topográficos posteriores ao intervalo cronológico considerado. No âmbito de várias viagens de estudo aos locais, procedeu-se ainda a levantamentos fotográficos e observação de estruturas arquitectónicas. Todo este material foi confrontado com as fontes escritas, permitindo-nos assim compreender melhor a história da evolução urbana das cidades em questão.

Baçaim

A primeira vista conhecida de Baçaim pertence às *Lendas da Índia* de autoria de Gaspar Correia, obra que data de entre 1532 e 1563³. Trata-se de uma representação algo lacónica quando comparada com outras vistas existentes na mesma obra. A imagem centra-se na fortificação de S. Sebastião, construída celeremente pelos portugueses a partir de 1536 e aproveitando estruturas pré-portuguesas⁴. Retrata também o casario em redor do forte, onde se individualiza apenas o edifício da feitoria e ainda alguns elementos orográficos, como o esteiro a nordeste do povoado e uma linha de árvores na margem oposta. O facto de não estar representada qualquer estrutura religiosa é um indício para a datação desta imagem, que situamos entre 1536 e 1546⁵.

O forte aparenta ser retratado a partir de sudoeste, embora a sua morfologia esteja muito distorcida: na imagem, aproxima-se de um pentágono, conquanto na realidade, a sua forma é a de um polígono irregular de quatro lados.

³ Sobre esta datação do manuscrito original, v. AVELAR, Ana Paula. "Gaspar Correia" In Enciclopédia Virtual da Expansão Portuguesa disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/cham/eve/content.php?printconceito=814>. Acesso em 18/09/2011.

⁴ Cf. MENDIRATTA, Sidh. Forte de São Sebastião de Baçaim. In MATTOSO, José, ROSSA, Walter (Org.). Património de Origem Portuguesa no Mundo: arquitectura e urbanismo — Ásia e Oceania. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010. pp.165-166.

⁵ Sobre as primeiras estruturas religiosas edificadas em Baçaim, v. DIAS, Pedro. História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822) - O Espaço Índico. Lisboa: Círculo de Leitores, 1998, pp.162-168.

Nos panos de muralha e baluartes representados vêm-se canhoneiras, seteiras e ameias, todos dispostos de forma regular. Apostas a dois panos de muralha vêm-se casas de aquartelamento ou de armazenamento e ainda, sobre o ângulo superior direito da fortificação, as casas do capitão-mor da cidade.

A feitoria está representada com algum pormenor, destacando-se do resto do casario pela sua dimensão dois pisos. Está cercada por uma paliçada que se prolonga por todo o limite leste e norte da povoação, ou seja, entre esta e o esteiro já mencionado. As restantes habitações da cidade são representadas de forma estereotipada, aparentemente telhadas e intercaladas por quintais.

O segundo autor conhecido a representar Baçaim foi Herédia, encontrando-se uma planta esquemática da cerca abaluartada da cidade na sua obra *Plantas de Praças das Conquistas de Portugal (...)* datada de 1610⁶. No códice *Lyvro de Plantaforma das Fortalezas da Índia* (ca. 1620-1640) existe uma representação semelhante⁷, enquanto que no desaparecido *Atlas Miscelânea*, também associado a Herédia e datável de ca. 1612-1629, apenas se conhece um rudimentar perfil da cidade⁸.

A planta de Baçaim incluída na obra de 1610 é uma representação bastante esquemática do perímetro amuralhado da cidade iniciado em 1554 e do forte de S. Sebastião. Herédia assinala e nomeia ainda sete edificações na cidade - seis igrejas e o hospital dos Pobres - mas não marca o traçado da sua malha urbana. A representação está sensivelmente orientada a norte, distinguindo-se no terreno zonas alagadiças em redor do esteiro, e zonas de areal. Apesar do perímetro amuralhado da cidade e seus dez baluartes estarem representados de forma homogénea, isto corresponde a uma idealização das defesas de Baçaim, pois nem em 1610 estavam estas estruturas completas nem os baluartes eram ou vieram a ser semelhantes⁹.

A representação de Baçaim pertencente ao códice de S. Julião da Barra segue de perto a planta anterior. A direcção dos alinhamentos do perímetro amuralhado corresponde melhor à realidade, embora os baluartes permaneçam todos praticamente idênticos. Herédia representa desta feita o traçado da malha urbana - informação valiosa para o estudo da cidade desaparecida - e nela assinala mais quatro edificações. Surgem ainda representadas duas portas no lado leste do perímetro amuralhado, a somar à principal porta do campo do lado oeste. De notar uma zona desocupada ou não urbanizada da cidade, ao longo do lado norte do seu perímetro. Exterior à cerca abaluartada,

⁶ *Plantas de Praças das Conquistas de Portugal Feytas por ordem de Ruy Lourenço de Tavora Vizo rey da India... por Manuel Godinho de Herédia*, 1610, Documento CAM 3,5, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

⁷ *Lyvro de Plantaforma das Fortalezas da Índia*, ca. 1620-1640, Cota nº 1805, Biblioteca da Fortaleza de S. Julião da Barra em Oeiras, ed. facsimile, (ed.) Hélder Carita, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1992.

⁸ *Atlas Miscelânea* [desaparecido], ca. 1615-1622, ant. col. Dr. Carlos M. C. M. Figueira. Sobre a autoria e datação deste códice, v. GARCIA, José Manuel. *Cidades e Fortalezas do Estado da Índia (Séculos XVI e XVII)*. Lisboa: Quidnovi, 2009, pp. 26-28.

⁹ Os três baluartes no lado sudeste do perímetro (S. Pedro, S. Paulo e do Elefante), por exemplo, não tinham a mesma forma nem robustez dos baluartes no lado oeste (S. Sebastião e N. Sra. dos Remédios). Herédia não assinala o denominado baluarte ou bastião cavaleiro, mas representa a respectiva porta sifonada que abria para o campo, do lado oeste da cidade.

Herédia assinalou o campo de Madrapôr com o respectivo poço. Já o perfil da cidade incluído no *Atlas Miscelânea* é um desenho rudimentar, não tendo muito valor informativo¹⁰.

Realizada por volta de 1635, a vista associada a Resende e realizada no âmbito do inquérito *O Livro das Plantas de todas as Fortalezas (...)* elaborado com António Bocarro teve certamente por inspiração a planta de Baçaim do códice de S. Julião da Barra ou documento semelhante¹¹. Trabalhando sobre a base de Herédia, Resende emprega uma representação geometricamente pouco ortodoxa, a qual se pode descrever como aproximada a uma vista de axonometria cavaleira com rebatimentos e inversões de planos. Apesar destas distorções, a representação resulta expressiva e com acrescido valor informativo¹². Contudo, comparando a vista de Baçaim com outras do códice de Évora, verifica-se que é esparsa em detalhe arquitectónico, urbanístico ou corográfico. Seguindo de perto os alinhamentos do perímetro amuralhado e da malha urbana da planta associada Herédia, a única diferença relevante é a introdução de mais um baluarte por parte de Resende, totalizando assim onze baluartes ao longo das muralha¹³. Nos quarteirões da cidade, Resende desenha casas estereotipadas, à semelhança do que já ocorria em desenhos de Herédia. Contudo, pelo uso da cor e de uma sinalética mais diversificada, Resende introduz mais informação na sua vista, como por exemplo a diferenciação entre edificações de pedra e cal cobertas por telha e construções de adobe cobertas de matéria vegetal, situadas nos arrabaldes da cidade fortificada. Para além do forte de São Sebastião com a respectiva casa do capitão, Resende singulariza catorze edificações na cidade: quatro conventos com suas igrejas respectivas; três outras igrejas ou capelas; a câmara; dois hospitais; duas edificações, aparentemente particulares, apegadas ao flanco sul da muralha do forte de S. Sebastião; e duas outras casas,

¹⁰ As quatro igrejas representadas neste perfil urbano apresentam todas torres semelhantes perto dos respectivos transeptos, o que não era o caso da igreja matriz de São José, com uma torre sobre o nártex, na fachada principal.

¹¹ *O Livro das Plantas de todas as Fortalezas, Cidades e Povoações do Estado da Índia Oriental (...)*, Cod. CXV/2-X, Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, reproduzido in CID, Isabel. obra homónima). Lisboa: Imprensa Nacional Casa de Moeda, 1992. Conhece-se outra versão deste códice, cujas componente iconográfica foi igualmente coordenada por Barreto de Resende: *Livro do Estado da Índia Oriental (...)*, 1646, Sloane MS. 197, British Library.

¹² Dadas as dificuldades financeiras e escassez de técnicos, Bocarro e Resende optaram por não efectuar o levantamento rigoroso das plantas das fortificações do Estado da Índia. Tendo já em mão um conjunto de representações cartográficas e iconográficas da autoria de Herédia, Resende apropriou-se da sua linguagem representativa e aplicou-a à globalidade do inquérito. Esta gramática de representação aproxima-se de certo modo da “vista de olho de pássaro”, assentando na vontade/necessidade de comunicar um leque muito variado de informações. Além disso, Resende introduziu temas transversais que distinguem e valorizam a sua obra ao nível da coerência gráfica e riqueza de informação, tais como: sistema de sinalética; importância cromática; individualização de estruturas edificadas; introdução de elementos topográficos; e estética unificadora. Embora sacrificando o rigor geométrico, este método permitia assim transmitir o máximo de informação num único desenho. Dado este cariz não rigoroso e a linguagem aparentemente *naïf* das vistas de Resende, estas têm merecido escassa atenção por parte dos historiadores de arte e da arquitectura – apesar da sua extensa reprodução e difusão. V. SANTOS, Joaquim Rodrigues dos, MENDIRATTA, Sidh Losa. Goa, Damão e Diu aos olhos de Resende: análise comparativa das vistas representadas, *Revista Oriente*, Lisboa, nº 20, pp. 51-62, 2010.

¹³ Esta diferença visava certamente corrigir a representação anterior, pois de facto Baçaim tinha dez baluartes e um bastião a ao longo da sua cerca abaluartada. Contudo, o bastião Cavaleiro era constituído por uma robusta entrada sifonada - a porta do campo - sob uma esplanada de forma rectangular, cujo volume se destacava do alinhamento das cortinas embora sem ter forma abaluartada. Ao representar esta estrutura como um baluarte moderno e dissociado da porta do campo, Resende viria a confundir autores posteriores relativamente aos nomes dos baluartes de Baçaim.

possivelmente torreadas, no extremo noroeste da povoação¹⁴. Apesar da mole do casario ocupar praticamente todo o recinto amuralhado, Resende assinala a zona não edificada da cidade a norte com recurso à cor esverdeada, assim como noutras partes em redor da cidade e ainda no interior do forte de S. Sebastião. A povoação de Baçaim de Cima, a oeste e noroeste da cidade fortificada, está parcialmente representada de forma estereotipada, individualizando-se apenas dois poços, um dos quais seria certamente o de Madrapôr. A densa arborização do Cassabé ou *hinterland* imediato de Baçaim foi também representada¹⁵.

As imagens do códice de Évora foram extensamente reproduzidas por vários autores ao longo do século XVII. Embora se possa dizer que, de modo geral, estas reproduções ou interpretações perderam o pormenor e volume informativo da representação de Resende, houve contudo lugar a alguns acrescentos de informação, nomeadamente através da legendagem de edifícios ou ruas. O códice anónimo *Breve tratado de todo os Vizorreys (...)*, por exemplo, combina uma interpretação simplificada da vista de Resende com os nomes dos edifícios constantes na planta associada a Herédia do códice de S. Julião da Barra, acrescentando ainda os nomes de dez baluartes (embora de forma errónea)¹⁶. Já Mariz Carneiro exclui os nomes dos edifícios mas mantém os onze baluartes da vista de Resende, nomeando-os pela ordem correcta – embora o bastião Cavaleiro continue dissociado da porta do campo¹⁷. Por seu turno, a representação atribuída a Albernaz baseia-se curiosamente na planta de Herédia do códice de S. Julião, acrescentando alguns nomes de ruas e trocando alguns dos nomes dos edifícios¹⁸. Refira-se ainda a gravura incluída no livro *Asia Portuguesa* de Faria e Sousa, com uma representação fantasiosa do casario da cidade, mas acrescentando na sua legenda duas ou três informações¹⁹.

Apenas no contexto da guerra luso-marata de 1737-1739 surgem documentos iconográficos e cartográficos da cidade de Baçaim autónomos à produção de Correia, Herédia ou Resende. O primeiro documento datável desse

¹⁴ Tanto sobre os dois hospitais como sobre a câmara tremulam bandeiras, parte da sinalética adoptada por Resende, assinalando sedes ou instituições da administração do Estado. Uma bandeira em vez de uma cruz deveria aparecer também sobre a casa do capitão, tal como aparece no códice da *British Library*. Esta edificação encontra-se erroneamente representada sobre o flanco sul da muralha do forte de S. Sebastião, quando na realidade se situava no canto nordeste da fortificação, onde se vislumbra um bastião quadrado com três peças de artilharia. As igrejas conventuais encontram-se pouco desenvolvidas, especialmente quando comparadas com outras vistas de Resende. Apenas a igreja dos Agostinhos se destaca das restantes, com uma fachada flanqueada por duas torres. As restantes igrejas conventuais apresentam torres sobre ou perto dos respectivos transeptos. É este o caso também da igreja matriz, edifício que na realidade, ostentava uma torre na fachada principal e sobre o seu nártex, de cariz manuelino, como já foi referido.

¹⁵ Cassabé correspondia a uma subdivisão administrativa geralmente associada a uma cidade. Cf. DALGADO, Sebastião Rodolfo. *Glossário Luso-Asiático*, vol. I, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1919, pp. 223, 224.

¹⁶ *Breve Tratado ou Epilogo de Todos os Visorreys, que tem Havido no Estado da India (...)*, ca.1636, Códice MSS Fonds Portugais nº 1 da Bibliothèqne Nationale de Paris.

¹⁷ *Descripçam da Fortaleza de Sofala, e das Demais da Índia com uma Rellaçam das Religiões Todas, que há no Mesmo Estado (...)* por Mariz Carneiro, Códice Ilum. nº 149 da Biblioteca Nacional de Lisboa, 1639. In ed. facsímilada, DIAS, Pedro. Lisboa: Fundação Oriente, 1990.

¹⁸ *Plantas das Cidades e Fortalezas da Conquista da India Oriental (...)* por João Teixeira Alvernaz I, ca. 1648, Códice Cod. Mon. Icon. 162 da Bayerische Staatsbibliothek de Munique.

¹⁹ SOUSA, Manuel de Faria. *Ásia Portuguesa*, Códice RES. 4385-4387 V da Biblioteca Nacional de Lisboa, 1666-75. In ed facsímilada, ALMEIDA, Manuel Lopes. Porto: Livraria Civilização, 6 vols, 1945-1947.

período é um mapa que mostra uma porção considerável do antigo distrito de Baçaim, nomeadamente a Ilha de Salcete, o arquipélago de Bombaim (à época, já cedido aos ingleses), o cassabé de Caranjá, e ainda a cidade de Baçaim²⁰. Com várias posições defensivas representadas, fortes, baluartes, torres, casas senhoriais fortificadas, conventos ou colégios fortificados, este documento é precioso para a história do território. Baçaim encontra-se representada de forma esquemática mas com uma legenda dos seus baluartes e algumas outras estruturas próximas²¹. A noroeste, representa-se o arraial marata que cercava a cidade. Comparando o traçado urbano da cidade com a planta de S. Julião da Barra, não se encontram diferenças de vulto.

Conhecem-se ainda três outros documentos cartográficos elaborados pouco depois da queda da cidade e que ilustram as derradeiras acções do cerco posto pelos maratas em 1737-1739. O primeiro pertence à Sociedade de Geografia de Lisboa e nele se encontram alguns dados sobre as operações bélicas e minagens aos baluartes da cidade, além de estar representada de forma rigorosa parte da sua planta²². Na Biblioteca Nacional encontram-se dois outros documentos: o primeiro é uma cópia simplificada da planta já referida²³; e o segundo - que deve corresponder também a uma simplificação de um documento desaparecido - representa todo o perímetro abaluartado de Baçaim e as várias estâncias do exército sitiante²⁴. Nota-se nomes alternativos para os baluartes que não os habituais nomes de santos cristãos.

Chaul

A primeira representação conhecida de Chaul consta dos roteiros de D. João de Castro e é datável de 1538-1539²⁵. Trata-se de uma carta de navegação combinando um mapa da costa com os perfis rebatidos da orla costeira, assinalando os seus elementos mais notáveis. Em Chaul de Baixo, onde se fixaram os portugueses, Castro representa apenas a primitiva fortaleza manuelina e uma pequena igreja próxima, provavelmente N. Sra. do Mar²⁶. Castro assinala ainda um percurso desde o forte até o passo sobre o ribeiro a leste, que conduzia à cidade de Chaul de Cima, pertencente ao sultanato de Ahmadnager. O casario desta cidade estende-se entre o arvoredado e ao longo

²⁰ Mostrador da parte da Costa do N. da Barra de Bombaim até a de Baçaim, em que comprehende a ilha de Salcete Costa da terra firme com varias ilhas adjacentes e seus Rios, [S.l. : s.n.], [1738-1739], Doc. 6/D/17, Sociedade de Geografia de Lisboa.

²¹ Os nomes dos baluartes correspondem aos da vista estante na obra já mencionada de Mariz Carneiro (v. nota nº 17)

²² Planta dos aproxes, baterias, e galarias com q. o inimigo Marata rendeo por Capitulaçoens a Praça e Cidade de Baceim em Mayo de 1739 (...), [S.l. : s.n.], 1739, Doc. 1/G/53, Sociedade de Geografia de Lisboa.

²³ Praça de Baceim atacada, [S.l. s.n.], [ca. 1739], Doc. D-336-A, Col. Iconografia, Biblioteca Nacional de Portugal.

²⁴ Praça de Baceim, [S.l. s.n.], [ca. 1739], Doc. D-337-A, Col. Iconografia, Biblioteca Nacional de Portugal.

²⁵ Táboas dos Roteiros de D. João de Castro, 1538-1539. Códice da Biblioteca Joanina, Coimbra. In ed. facsímilada, ALBUQUERQUE, Luis. Lisboa: INAPA, 1988.

²⁶ A fortaleza edificada em 1521 também era inicialmente conhecida como forte de S. Dinis. Cf. TEXEIRA, André. Fortalezas – Estado Português da Índia: a arquitectura militar na construção do Império de D. Manuel I. Lisboa: Tribuna da História, 2008, p.63.

da margem norte do rio Kundalika, não se destacando qualquer edificação. O pormenor e objectividade da representação do forte constitui uma informação valiosa para a história da povoação portuguesa²⁷.

Herédia também nos legou várias representações de Chaul e da fortificação do Morro conquistada pelos portugueses em 1594. No seu códice datado de 1610²⁸, o cartógrafo desenha o perímetro abaluartado de forma muito esquemática e com uma planta de implantação bastante desfasada da realidade. O baluarte no extremo noroeste do perímetro corresponde ao de S. Francisco e a sua forma circular poderá indicar uma posterior reconstrução daquela defesa, que viria a adquirir um desenho moderno (embora pouco canónico). De notar as paliçadas representadas na fortificação do Morro de Chaul, esta última representada em vista e não em planta.

As plantas pertencentes ao códice de S. Julião da Barra e ao *Atlas Miscelânea* são similares. No perímetro abaluartado de Chaul assinalam-se três tipos de baluartes ou bastiões: modernos ou angulares; circulares; e quadrangulares²⁹. Nestes dois documentos, Herédia inseriu também o convento fortificado da Madre de Deus no Campo de Chaul, com um bastião redondo e outro mais pequeno, ambos integrados no seu perímetro defensivo. O traçado urbano da povoação assinalado por Herédia apenas nos fornece uma noção muito rudimentar dos seus principais eixos viários. A fortificação do Morro aparece representada de forma bastante confusa; este facto é de certa forma compensado no *Atlas Miscelânea*, onde existe uma curiosa representação dessa fortificação e da batalha pela sua conquista³⁰.

Para além das representações de Herédia, existe apenas mais um documento iconográfico conhecido do Morro de Chaul, associado a Resende: este mostra a fortificação a partir de leste e da cidade de Chaul, dispendo-se ao longo da crista do monte e unida por couraças ao baluarte de Sta. Cruz na ponta norte do promontório³¹. Apesar da imagem revelar a forma alongada, acidentada e fracturada da fortificação, as sucessivas intervenções dificultam uma identificação clara de todos os seus elementos. Ainda assim, destacam-se: os baluartes de tesoura (ou de orelhas de lebre) no extremo sul da fortificação; uma série de edifícios em redor de um pelourinho e um cruzeiro na sua zona principal; diversos baluartes ao longo da crista da elevação; e o já mencionado baluarte de Sta. Cruz com a sua porta de mar e cais.

²⁷ Enquanto que a torre a nordeste e a couraça que a unia à fortaleza de S. Dinis foram posteriormente desmanteladas no âmbito da edificação do perímetro abaluartado da cidade após de 1570-1571, a fortaleza em si permaneceu relativamente inalterada até à expulsão dos portugueses. Cf. ROSSA, Walter, Chaul – arquitectura militar. In MATTOSO, José, ROSSA, Walter (Org.). Património de Origem Portuguesa no Mundo: arquitectura e urbanismo — Ásia e Oceania. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, pp.95-96.

²⁸ V. nota nº 6

²⁹ V. notas nº 7 e nº 8. O baluarte de S. Francisco mantém o seu desenho circular nas representações destes dois códices mas na imagem do *Atlas Miscelânea*, os bastiões menos possantes no flanco sudoeste e oeste do perímetro estão representados com duas formas sobrepostas: a mais carregada aquela consentânea com a realidade e a mais leve, uma forma idealizada.

³⁰ Apesar de Herédia se ter enganado na data patente na legenda da vista, estão desenhados objectos que se relacionam com episódios da batalha, como o elefante obstruindo a porta principal da fortificação sobre o Morro. Cf. ANDRADE, Francisco de. Comentários da Vitória de Chaul, Colecção “Pelo Império”, nº 9, Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1945, p 40-42.

³¹ V. nota nº 11.

A vista da praça fortificada de Chaul associada a Resende não foi, tanto quanto sabemos, baseada na produção de Herédia, apresentando maior informação que as vistas de Baçaim e Damão, por exemplo. A cidade está representada vista de leste, com a orla marítima a ocupar o limite superior do suporte de representação, o que é bastante incomum nas vistas de Resende. A irregularidade do perímetro abaluartado e do traçado urbano de Chaul encontra-se expressivamente retratado, figurando várias características urbanas ou arquitectónicas ainda comprováveis³². Note-se que a couraça e a torre a nordeste da fortaleza manuelina representadas por João de Castro continuam visíveis na representação de Resende, embora a torre pareça estar arruinada. O campo de Chaul onde os portugueses detinham extensos quintais e palmares também se encontra representado, com a igreja de S. Sebastião e o convento fortificado da Madre de Deus a merecerem destaque. No lado leste do campo, vêem-se várias habitações de adobe e cobertura vegetal e ainda uma torre defensiva³³. Na sua versão mais tardia, Resende inclui legendas em alguns dos baluartes³⁴.

O documento seguinte que se conhece de Chaul data da primeira campanha marata de invasão do território, em 1683-1684³⁵. Representa em planta o sistema defensivo de Chaul e do seu campo e assinala várias outras estruturas em Chaul de Cima e zona envolvente. Apenas as estruturas com interesse defensivo aparecem representadas, tratando-se de um documento com vincado cariz operativo. O principal motivo de interesse desta planta radica na representação do Campo de Chaul e suas defesas: uma muralha/paliçada intercalada por várias atalaias ou torres e ligada ao já referido convento fortificado da Madre de Deus. Provavelmente, parte desta defesa seria improvisada sobre os limites de propriedades ou edificações particulares ao longo do flanco leste do Campo de Chaul. Os vários locais assinalados em Chaul de Cima, entre os quais a mesquita principal e o templo das Bailadeiras, também constituem objectos de interesse e de importância estratégica, tendo sido várias vezes atacados pelos portugueses³⁶.

Damão

A planta presente no códice *Plantas de Praças das Conquistas de Portugal (...)* elaborado por Herédia em 1610 constitui o primeiro documento iconográfico conhecido produzido pelos portugueses relativamente a Damão. O documento permite perceber a forma da primitiva fortificação abexim (abissínia), de planta rectangular com torreões

³² Destaca-se a representação de quintais e um palmar dentro dos quarteirões da cidade; os vários cruzeiros ao longo das ruas e sobre os baluartes; os sinos de rebate nestas mesmas estruturas defensivas; o pelourinho; um possível cemitério; e outros detalhes como portas, degraus ou ruínas. Importa também referir que na imagem, a igreja matriz de Chaul ainda se encontra fora do perímetro abaluartado da cidade embora já parcialmente protegida por uma outra muralha e um pequeno bastião circular.

³³ A vocação defensiva desta torre é reforçada pelo uso da cor rosa-escuro aplicada por Resende às estruturas militares.

³⁴ V. nota nº 12.

³⁵ Para uma breve descrição deste conflito, v. PISSURLENCAR, Panduronga. Portugueses e Maratas II: Sambaji. In Boletim do Instituto Vasco da Gama, Bastorá, nº 3, pp. 62-9, 1928.

³⁶ Para uma descrição destes locais em Chaul de Cima, v. GAZETTER OF THE BOMBAY PROVINCE, Vol. XI, Kolaba and Janjira. Bombay: Government Central Press, 1883, pp. 299-310.

cilíndricos nos seus ângulos. Depois de ter sido reformada, instalou-se aqui a sede da administração portuguesa e ainda o colégio jesuíta das Onze Mil Virgens. A fortificação abexim foi também o elemento estruturante da malha urbana de Damão Grande, vendo-se na imagem quarteirões ortogonais por ela regulados que no limite exterior, são conformados pela cerca abaluartada da cidade, correspondendo em boa medida ao actualmente existente. A cerca representada contém dez baluartes onde são perceptíveis diversas linhas a pontilhado sobre os baluartes e a cerca abaluartada. Estas linhas talvez correspondam ao desenho dos primeiros baluartes e de paliçadas, edificados com madeira e terra, no contexto do cerco mogol de 1581. Após esse cerco, este perímetro defensivo de materiais precários foi progressivamente substituído por uma robusta cerca abaluartada de pedra e cal. O desenho desta nova cerca é provavelmente da autoria de João Baptista Cairato, engenheiro-mor do Estado da Índia³⁷. O facto de Herédia ter representado estas duas camadas arquitectónicas - uma a pontilhado e a outra colorida a rosa - parece documentar o processo construtivo em curso³⁸. Tal convicção é reforçada pelas formas arcaicas como estariam desenhados alguns dos primitivos baluartes, que se localizam precisamente nos locais indicados por Diogo do Couto³⁹. O sistema defensivo de Damão Grande era complementado pelas próprias condições orográficas do local: a ocidente ficava o litoral marítimo, a norte corria o rio Damanganga, e a oriente existia um terreno pantanoso alimentado por um braço do rio, deixando menos protegida somente a parte sul, para onde abria a porta do campo. Existe ainda no *Atlas Miscelânea* uma vista em perfil de Damão feita a partir do lado do mar, onde apenas são visíveis as estruturas religiosas mais importantes⁴⁰.

No âmbito do *Livro das Plantas de todas as Fortalezas (...)* efectuado por Bocarro e Resende, figura uma representação de Damão onde são claramente perceptíveis dois núcleos populacionais distintos: Damão Grande (Moti Daman), já referido, e Damão Pequeno (Nani Daman) mais relacionado com a população indiana. A cerca abaluartada da praça-forte estaria praticamente concluída.

Na representação de Damão Grande constata-se que a representação dos quarteirões urbanos e traçado viário e tem correspondência aproximada à realidade, com excepção da zona ocidental da cidade sobre a orla marítima que

³⁷ DIAS, Pedro. *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822) - O Espaço Índico*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1998, pp.149-150.

³⁸ Apesar da existência de numeração relativa a uma legenda, esta ainda permanece desconhecida, facto que impede uma melhor compreensão; não obstante, pode-se facilmente deduzir que a parte das letras corresponde à denominação dos vários baluartes.

³⁹ Couto refere que durante o cerco de 1581, tanto a porta do campo como a linha defensiva sobre a margem do rio Damanganga haviam sido reforçadas com baluartes de terra e madeira (COUTO, Diogo do, *Década Décima – Primeira Parte*. In BARROS, João de, COUTO, Diogo de. *Décadas da Ásia*. Lisboa: Regia Officina Typografica, livro 17, cap.V-VI, pp.186-192, 1788). Seriam possivelmente estes baluartes que estariam representados com linhas a pontilhado no desenho de Herédia.

⁴⁰ As estruturas visíveis eram as únicas que, segundo o padre Manuel Godinho, se permitiram elevar acima da cota amuralhada (GODINHO, Manuel. *Relação do Novo Caminho que Fez por Terra e Mar, Vinda da Índia para Portugal, no Anno de 1663*. Lisboa: Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, 1842, pp.17-18). Entre os edifícios religiosos representados contam-se a igreja matriz do Santíssimo Nome de Jesus (sé), a igreja de S. Paulo e colégio das Onze Mil Virgens (jesuítas), a igreja e convento do Espírito Santo (franciscanos) e a igreja e convento de N. Sra. da Vitória (dominicanos); a igreja e convento de N. Sra. da Graça (agostinhos), situado no extremo oposto da cidade relativamente ao perfil, não foram representados.

aparentou ter sido comprimida. Também os edifícios notáveis foram ilustrados com características verosímeis, conforme se poderia confirmar relativamente aos edifícios religiosos, ao palácio dos governadores ou mesmo à porta monumental do forte de S. Jerónimo. Verifica-se também que no baluarte da Madre de Deus, frente ao forte de S. Jerónimo, Resende representou um pequeno casario diferenciado do restante edificado (estruturas não caiadas e não telhadas), que colocamos a hipótese de ser um *challe*. Este facto e a sua localização próxima à porta do Mar e à porta da Ribeira – hoje entaipada – poderá indicar que seriam construções de serviço para apoio às actividades que se efectuavam na vizinha Ribeira. Facto singular é a existência de 11 baluartes na representação da muralha de Damão Grande, quando na realidade existem somente 10⁴¹. Em Damão Pequeno encontrava-se ilustrado o forte de S. Jerónimo, mandado construir em 1614 pelo vice-rei Jerónimo de Azevedo e que em 1627 estaria praticamente concluído. Este forte afigura-se com uma dimensão exarcebada relativamente à praça fortificada de Damão Grande, especialmente se tivermos em conta que a sua área é ainda menor do que a da primitiva fortificação abexim⁴². Para além disso, a sua forma de implantação afigura-se triangular quando na realidade a sua forma é aproximadamente quadrangular.

O próximo documento, a *Planta da Praça de Damão* de meados do séc. XVIII, representa com escala e algum rigor a implantação da praça fortificada de Damão Grande e dos seus principais edifícios e do forte de S. Jerónimo. A imagem mostra também os territórios envolventes a ambas as fortificações, onde estão representados edifícios, caminhos, vegetação, rios, lagos, poços, áreas pantanosas e outros elementos, assumindo importância o recurso à cor. Em Damão Grande, sobre a malha urbana regular estão assinaladas as implantações dos edifícios mais importantes, destacando-se os conjuntos religiosos a rosa escuro. O complexo do forte abexim está igualmente representado com detalhe, especialmente o colégio jesuíta. A cinta abaluartada está representada de forma esquemática, embora nos baluartes sejam visíveis as aberturas de ventilação nas casamatas dos orelhões; no seu flanco sul, encontra-se parcialmente rodeada por um fosso. No forte de S. Jerónimo, cujas muralhas e baluartes não estão coloridos, está igualmente assinalado um fosso e ainda obras avançadas. A igreja setecentista de N. Sra. do Mar está já implantada no seu interior⁴³. Ainda na zona envolvente às fortificações, tanto em Damão Pequeno como no campo de Damão Grande, podemos encontrar uma distinção entre vários tipos de estruturas edificadas dada pelos tons das cores: a rosa claro os edifícios de pedra e cal e a castanho claro os edifícios de materiais perecíveis (terra, madeira e elementos vegetais). Os círculos castanho esverdeado representam poços de água, e as linhas

⁴¹ Apesar de se ter baseado no códice de Resende para elaborar o seu *Descrição da Fortaleza de Sofala* [...], António Mariz Carneiro deu conta do erro, colocando junto ao baluarte inexistente a legenda «este baluarte não no ha»; o códice *Breve Tratado ou Epílogo de Todos os Visorreys* [...], elaborado em c.1636 por um autor anónimo com elementos extraídos do códice de Resende, apresentava o seu lapso já corrigido – ainda que apresente outros equívocos como a errada rotação da implantação de Damão Grande.

⁴² Além disso, o espaço urbano de Damão Grande apresentava-se maior e mais povoado que Damão Pequeno. Resende sobrevalorizou a importância de Damão Grande face ao povoado preexistente de Damão Pequeno, reduzindo este último a um pequeno conjunto de casas não caiadas e não telhadas.

⁴³ MONIZ, António, *Documentos para a história de Damão*, Lisboa, 2000

ponteadas estacadas. Além disso, a coloração associada à representação de árvores e vegetação, permite distinguir os campos alagadiços, as áreas cultivadas, os terrenos arenosos, os palmeirais e o sertão. Finalmente, importa referir que a fortificação marata de Indragad, localizada na serra de Pallê, figura neste documento, constituindo em conjunto com o colégio jesuíta um elemento fundamental para a sua datação⁴⁴.

Diu

A imagem de Diu contida no *Roteiro de Goa a Diu* elaborada entre c.1538-39 por João de Castro afigura-se de grande importância, já que ilustra não só as fortificações iniciais construídas pelos portugueses, mas também as estruturas defensivas preexistentes anteriores ao domínio português, algumas das quais foram aproveitadas e reformadas⁴⁵. A representação mostra a cidade de Diu cercada por uma extensa cerca amuralhada, sendo visíveis no seu interior alguns edifícios individualizados. No extremo oriental da cidade, à entrada da barra do rio Chassis, situava-se a fortaleza de S. Tomé. Observa-se também o conjunto edificado existente na península de Gogolá, o baluarte do mar e a área extramuros próxima à cidade⁴⁶. Construída sob a direcção de Jorge Gomes, mestre-de-obras de Goa⁴⁷, a fortaleza de S. Tomé possuía uma implantação aproximadamente triangular, estando separada da cidade através de um fosso. A sua muralha do lado oeste estava reforçada sensivelmente a meio por um baluarte, ficando no seu extremo ribeirinho outro baluarte. Entre estes dois baluartes se situava a porta principal da fortificação, existindo uma outra secundária próxima e cujo acesso se realizava mediante uma ponte de madeira sobre o fosso. Relativamente ao seu flanco ribeirinho, nele situava-se a casa do capitão, que se assemelhava a um pequeno castelejo medievalizante com torre de menagem; junto a esta foram representadas as couraças pequena e grande, cuja localização e forma não correspondem ao que existe actualmente. Dentro da fortaleza estava representada a igreja matriz de S. Tomé e alguns edifícios que se presume serem aquartelamentos. É interessante verificar que Castro representa os baluartes e parte das muralhas parcialmente arruinadas, muito provavelmente como resultado do cerco imposto em 1538.

A partir da fortaleza de S. Tomé, dispunha-se longo da margem ribeirinha um trecho da cerca amuralhada de Diu com alguns bastiões, culminando num baluarte circular no seu extremo noroeste; neste ponto a cerca inflectia para

⁴⁴ Considerando que os maratas apenas conquistaram o distrito de Damão em 1739, e visto que os jesuítas abandonaram o seu colégio em inícios de 1759, consideramos que este é o intervalo cronológico aproximado durante o qual a planta foi executada.

⁴⁵ Em 1538, escassos três anos após o estabelecimento dos portugueses em Diu, deu-se o primeiro cerco da fortificação por parte de um exército guzerate apoiado por uma armada turca. Recém-chegado à Índia, João de Castro participou na armada que socorreu Diu, organizada pelo governador Nuno da Cunha. Terá sido durante esse episódio que Castro executou a representação da cidade de Diu, inserida no seu *Roteiro de Goa a Dio* terminado em 1538-39.

⁴⁶ No local onde se implanta a fortaleza de S. Tomé estaria um baluarte guzerate, que foi englobado na fortificação portuguesa.

⁴⁷ MOREIRA, Rafael. A Fortaleza de Diu e a Arquitectura Militar no Índica. In CUNHA, Mafalda Soares da (Coord.). Os Espaços de um Império - Estudos. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999, p.141.

sul, apresentando-se fortalecida por numerosos bastiões e por um fosso desde o rio Chassis até ao mar; a partir de outro baluarte no extremo sudoeste, a cerca amuralhada inflectia novamente, acompanhando a orla marítima. Castro representou este último trecho até à fortaleza de S. Tomé, fechando assim o perímetro da cidade⁴⁸. A cidade de Diu, cuja administração ainda não era portuguesa por essa altura, foi representada de forma esquemática ainda que alguns elementos se destaquem, como as mesquitas, a alfândega guzerate junto à ribeira e uma estrutura próximo a esta que poderia eventualmente ser o palácio do governante local. Além de uma provável mesquita e de algumas casas, Castro ilustrou na área extramuros da ilha um complexo edificado ameado que poderia ser a “fortaleza velha” da ilha mencionada por Diogo do Couto⁴⁹.

Também o baluarte ou forte de Sto. António do Mar, implantado sobre rochas na barra do rio Chassis, foi representado com algumas partes arruinadas⁵⁰. A sua forma consta de um baluarte arredondado do lado leste, seguindo-se uma torre defensiva de feição medieval ao centro, encontrando-se do lado ocidental uma plataforma alongada e arruinada na ponta⁵¹. A norte da cidade e já numa estreita península arenosa da terra firme, situava-se a aldeia de Gogolá⁵². Esta encontra-se representada com uma muralha guzerate reforçada por três bastiões que cingia a península pelo seu istmo sem contudo fechar o seu perímetro. No extremo sul da península está representado o baluarte redondo construído pelos portugueses, o qual aparenta estar também parcialmente arruinado⁵³.

Em vésperas do segundo cerco da fortificação, ocorrido em 1546, Gaspar Correia terá visitado Diu e representado a fortaleza de S. Tomé a pedido de João de Castro, então já vice-rei. A imagem de Diu patente nas *Lendas da Índia* ilustra a fortaleza de S. Tomé depois de reparada e reforçada. Como se vê na representação, foram inseridos em pontos estratégicos das muralhas novos baluartes melhor adaptados à pirobalística, além dos antigos baluartes terem sido reconstruídos de forma mais possante. Comparativamente com a imagem de João de Castro, foram acrescentados à muralha da parte de oeste dois baluartes redondo e duas torres rectangulares. Também a porta principal foi mudada para o lanço amuralhado ribeirinho junto à casa do capitão, sendo o acesso feito mediante um caminho fortificado com duas muralhas laterais. Protegendo esta entrada e a couraça pequena estava o poderoso baluarte redondo de S. Jorge⁵⁴. Verificamos também que nos anos subsequentes ao primeiro cerco se desenvolveu

⁴⁸ No entanto, este existiria apenas ao longo da praia de Jallandhar, terminando num baluarte a partir do qual as falésias seriam por si só uma defesa natural. De referir que a cerca guzerate possuía duas portas viradas para o campo, uma para a praia de Jallandhar e seis para a zona ribeirinha, demonstrando assim a importância da actividade portuária.

⁴⁹ COUTO, Diogo do. *Década Sexta – Segunda Parte*. In BARROS, João de, COUTO, Diogo de. *Décadas da Ásia*. Lisboa: Regia Officina Typografica, livro 10, cap.XV, p.515, 1781.

⁵⁰ Este baluarte (localmente denominado Panikotha) era resultado da remodelação portuguesa de uma estrutura guzerate, e fazia parte do complexo de protecção da entrada do rio.

⁵¹ Essa estrutura poderá ter sido também arruinada durante o cerco de 1538.

⁵² Também denominada pelos portugueses como Vila dos Rumes.

⁵³ Esse baluarte havia sido palco de um feroz combate durante o cerco (COUTINHO, Lopo de Sousa. *Historia do Cerco de Diu*. Coimbra: Real Collegio das artes da Companhia de Jesus, 1556, parte 2, cap.IX, pp.49-53).

⁵⁴ O baluarte tinha sido construído em 1542. Sobre as obras na fortaleza entre os dois cercos, conf. BAIÃO, António. *História Quinhentista (Inédita) do Segundo Cêrco de Dio*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 1925; NUNES, A. R. Pereira.

no interior da fortificação um pequeno povoado português, onde se destacavam algumas estruturas⁵⁵. Apesar da forma geral da fortaleza ser bastante próxima à realidade, a imagem peca pelo exagero na dimensão do povoado no seu interior, pois o recinto é efectivamente demasiado exíguo para albergar o número de casas ilustradas. Podemos ainda observar a corrente metálica que ligava a fortaleza de S. Tomé ao baluarte do Mar, o qual estava representado de forma diferente da imagem de Castro⁵⁶.

A imagem seguinte de Diu relativa à fortaleza de S. Tomé e existente no códice *Plantas de Praças das Conquistas de Portugal (...)* de Herédia, representa a fortificação quando ainda decorriam as obras iniciadas após o segundo cerco de Diu⁵⁷. No decorrer desta intervenção foi edificada uma segunda linha de muralha paralela à anterior e dotada de baluartes angulares. Na representação, a forma da fortaleza foi simplificada e reduzida aos elementos essenciais de interesse bélico, traduzindo-se num grande afastamento formal com a realidade. A fortificação deixou de ter o formato triangular usado por João de Castro e Gaspar Correia, para adquirir uma forma ovalada. A imagem de Herédia mostra ainda a primeira linha de muralha e respectivos bastiões⁵⁸. Ao longo da frente ribeirinha foram representados o complexo fortificado da casa do capitão, a entrada da fortaleza e o baluarte de S. Jorge, assim como outras estruturas defensivas. Pensamos que o muro existente no centro da fortaleza assinala a cisterna, elemento essencial da fortaleza. Na nova cortina amuralhada são visíveis três baluartes, um dos quais com uma forma estranhamente irregular⁵⁹. Na esplanada exterior da fortificação situava-se o Hospital dos Pobres e três marcos comemorativos. É ainda visível o baluarte do Mar com uma planta ovalada e uma torre.

O *Atlas Miscelânea* possui uma representação de Diu abrangendo toda a ilha, cujo domínio havia já sido assegurado pelos portugueses por inícios do século XVII. A composição geral está dividida em três partes: a fortaleza de S. Tomé; a cidade com o seu perímetro amuralhado; e o restante território insular. A proporção de cada uma das partes reflecte a sua importância no contexto dos interesses portugueses: a fortaleza, símbolo do domínio português sobre o território, apresenta-se sobredimensionada, enquanto que o território em redor da cidade, com menor presença portuguesa e escasso povoamento, é representado de forma diminuta. A representação da fortaleza de S. Tomé é muito semelhante à do códice de Herédia anteriormente mencionado, apresentando no entanto mais informação. No centro da fortaleza, em redor da cisterna, estaria uma vala correspondente à antiga pedreira. São também visíveis

Diu - História. Pangim: Imprensa Nacional, 1907; QUADROS, Jerónimo. Epigrafia de Diu. O Oriente Português. Bastorá, nr.11, pp.8-70, 1935).

⁵⁵ A igreja matriz de S. Tomé, a igreja da Misericórdia, a capela de S. Tiago, o complexo fortificado da casa do capitão e a cisterna (todas elas legendadas), além da pedreira situada sensivelmente na zona central.

⁵⁶ Pensamos mesmo que a forma representada seria a aproximada do fortim guzerate.

⁵⁷ O vice-rei João de Castro incumbiu o mestre Francisco Pires de dirigir as obras de renovação da fortificação (DIAS, Pedro. História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822) - O Espaço Índico. Lisboa: Círculo de Leitores, 1998, p.137).

⁵⁸ De notar que um baluarte destruído durante o assédio guzerate não foi reconstruído, próximo do local onde hoje existe uma porta.

⁵⁹ A imagem de Herédia mostra o baluarte de S. Domingos, terminado só em 1639-41 (QUADROS, Jerónimo. Epigrafia de Diu. O Oriente Português. Bastorá, nr.11, p.17, 1935).

algumas estruturas edificadas que corresponderiam a aquartelamentos, armazéns e talvez casas, e ainda dois edifícios diferenciados que poderiam ser a igreja da Misericórdia e a capela de S. Martinho. O baluarte do Mar apresenta a mesma configuração em ambos os códices.

Em relação à cidade de Diu, o desenho evidencia uma malha urbana diferente em torno da mesquita na zona noroeste (a mais antiga da cidade). Na zona a leste e sudeste, mais próxima da fortaleza e predominantemente católica, Herédia concentrou quase todos os edifícios religiosos cristãos⁶⁰, com uma estrutura urbana diferenciada. Na zona junto à orla sul, a cidade encontra-se esparsamente povoada⁶¹. No espaço insular extramuros foram representadas propriedades agrícolas aparentemente delimitadas por paliçadas. Vislumbra-se, a meio da linha costeira do lado ocidental da Ilha, uma estrutura aparentemente ameaçada, possivelmente uma das estruturas defensivas que se localizavam em dois pontos de atravessamento para a terra firme⁶². Considerando que o elemento torreado desenhado um pouco mais abaixo seja a outra estrutura defensiva, acreditamos que estas possam ser as representações das defesas do Passo Seco e do Passo Covo⁶³.

Resende baseou-se largamente na anterior representação de Diu para elaborar a imagem que consta no *Livro das Plantas de todas as Fortalezas (...)*, reiterando em boa medida as imprecisões do seu antecessor ainda que tenha introduzido actualizações, fruto de informações actualizadas referentes à finalização das obras da segunda linha defensiva. As afinidades ocorrem não apenas ao nível do ponto de vista da composição geral, mas também na representação da fortaleza e de elementos da cidade. Ainda assim, o desenho de Resende resulta mais coerente e eloquente na informação transmitida. Condicionado por este processo de actualização e pela sua tendência para simplificar a morfologia das estruturas para formas elementares, Resende alterou a representação do traçado amuralhado, concedendo à fortaleza uma forma quadrangular ao invés da triangular mais aproximada à realidade.

Os baluartes sofreram uma modificação significativa tanto de posicionamento como de forma e importância atribuída⁶⁴. Dentro do recinto da fortaleza, Resende representou os mesmos edifícios que o desenho no qual se tinha baseado, tendo no entanto adicionado mais casas; enquanto que o baluarte Chato e a pedreira foram omitidos do desenho, o muro da cisterna adquiriu um formato ovalado. O acesso à fortaleza ladeado por muralhas foi

⁶⁰ Excepção feita ao hospital dos Pobres, situado junto à ribeira na zona nordeste.

⁶¹ De notar que Herédia não representou a cerca amuralhada da cidade na zona ribeirinha.

⁶² BARROS, João de "Década Quarta – Segunda Parte" in *Décadas da Ásia*. Lisboa, Regia Officina Typografica, 1777, livro VI, cap.10, p.57; COUTO, Diogo de, "Década Quinta – Primeira Parte" in *Décadas da Ásia*, Lisboa, Regia Officina Typografica, 1779, livro III, cap.2, p.224.

⁶³ Estas estruturas defensivas estão assinaladas em documentos cartográficos de Diu dos séculos XIX e XX.

⁶⁴ Os baluartes na nova cortina abaluartada, ao invés de serem de orelhão como na realidade, foram representados já com uma forma angular mais consentânea com a evolução da poliorcética. Note-se que também os baluartes quadrangulares e cilíndricos da primeira cortina amuralhada foram também representados maioritariamente de forma angular.

representado com realismo; já o baluarte do Mar foi simplificado a uma torre/bastião semelhante ao desenho de Gaspar Correia⁶⁵.

Resende representou todo o espaço da cidade de forma densamente urbanizada, espalhando os seus edifícios religiosos pela cidade⁶⁶, possivelmente numa afirmação do domínio português sobre esta. Na área insular extramuros não foram representadas edificações contrariamente ao desenho que serviu de base a Resende. Pensamos que provavelmente tal se deveu ao facto do inquérito elaborado por si e por Bocarro ser um documento de índole prática que pretendia comunicar sobretudo informações com relevo ao nível da organização governativa⁶⁷.

Quando Resende elaborou o *Livro do Estado da Índia Oriental (...)* em 1646, a componente prática funcionalista não existia, pelo que optou por representar edifícios fora do limite amuralhado da cidade⁶⁸. Verifica-se ainda outra diferença substancial entre as duas representações de Resende: no desenho mais tardio foram eliminados os três quarteirões mais próximos à fortaleza, a que poderá não ser alheio o facto de que em 1634 (quando o códice de Évora se encontrava na fase de finalização) se ter procedido à demolição de todas as edificações próximas à fortaleza que perturbassem a sua defesa⁶⁹.

As representações seguintes de Diu datam do período das reformas pombalinas. Inserido num documento iconográfico de maior amplitude encontra-se o *Prospeto que Mostra a Praça de Dio Vista da Parte do Mar (...)* elaborado em 1779 por Carlos Julião. A imagem mostra o perfil planificado da cidade de Diu desde a falésia situada na parte sudeste até à parte ribeirinha da cidade⁷⁰. Em 1790 João António Sarmento elaborou a *Planta da Fortaleza e Cidade de Diu*, onde podemos verificar que na fortaleza de S. Tomé, além das várias estruturas já representadas

⁶⁵ Ainda que exista uma tímida indicação relativa à torre existente.

⁶⁶ Igreja de N. Sra. dos Anjos e convento de S. Francisco de Assis (franciscanos), igreja de S. Paulo e convento do Espírito Santo (jesuítas), igreja da Madre de Deus e convento de S. Domingos (dominicanos), igreja e convento de N. Sra. da Esperança (carmelitas) e igreja matriz de S. Tomé.

⁶⁷ Como o domínio sobre esse território era menos efectivo (além da defesa ser impraticável em caso de invasão, também os seus parcos habitantes não contariam como elementos defensivos), a opção terá sido a de simplesmente ignorar qualquer edificação que lá existisse, considerando a área como uma espécie de "terra de ninguém".

⁶⁸ Resende representou essa área extramuros como o interior da cidade, densamente povoada, acrescentando-lhe uma legenda bastante elucidativa da sua forma de pensamento: denominou o povoamento extramuros com a sua proeminente mesquita como "cidade dos mouros", ou seja, a cidade sobre a qual o domínio português é menos efectivo, por oposição à "cidade dos portugueses" intramuros, sobre a qual o controlo era real – ainda que a maioria dos seus habitantes intramuros fosse autóctone e de outras confissões religiosas.

⁶⁹ Esse acontecimento, ocorrido por ordem do vice-rei Miguel de Noronha, conde de Linhares, terá adquirido repercussão pelo facto de terem sido enviados de Goa emissários especiais com a missão de impedir o derrube dos edifícios religiosos dentro do perímetro de demolições que havia sido definido por António Pinto da Fonseca. Esse evento, provavelmente reflectido na obra mais tardia de Resende, demonstra uma vontade de actualização (DIAS, Pedro. Diu em 1634: Documentos e Notas para um Retrato de uma Praça Portuguesa no Guzarate. Lisboa: Academia de Marinha, 2002, pp.46-48).

⁷⁰ Podem observar-se da esquerda para a direita os complexos religiosos franciscano, carmelita e jesuíta intercalados por casas, seguindo-se a fortaleza de S. Tomé, e já na parte ribeirinha delimitada pela muralha, pode observar-se o complexo religioso dominicano, uma torre (previsivelmente o minarete da mesquita) e o baluarte onde termina o trecho ribeirinha da cerca amuralhada urbana.

anteriormente encontram-se novos baluartes⁷¹, e em lugar dos conjuntos de casas espalhados pelo recinto amuralhado encontramos armazéns e aquartelamentos e as duas cisternas. Também a cerca amuralhada urbana é bastante perceptível desde a fortaleza até à praia de Jallandhar. Quanto à estruturação urbana de Diu, facilmente se percebe a composição mais densa e orgânica da cidade guzerate preexistente à direita, por oposição ao esparsa povoamento cristão em torno dos conjuntos religiosos implantados entre a fortaleza e a cidade guzerate. Essa evidência bicéfala da estruturação urbana de Diu foi ainda evidenciada por uma linha castanha que divide a cidade do mar ao rio, definindo dois pólos urbanos: o guzerate muçulmano e o cristão.

João Gabriel de Chermont elaborou entre 1788 e 1790 a *Carta Tipografica da Ilha de Diu*, abrangendo todo o território insular de Diu. A representação é informativa das estruturas de interesse para a defesa insular, pois importava assegurar a defesa de toda a ilha em si como forma de apropriação e domínio territorial. Além das representações esquemáticas da fortaleza de S. Tomé, da cerca urbana de Diu e do baluarte do Mar, Chermont assinalou diversas estruturas defensivas distribuídas ao longo de vários pontos estratégicos da ilha: o forte de S. Tiago junto à praia de Nagoá, uma zona de fácil desembarque; os fortes de Sta. Rita, de Sto. António da Barra e de N. Sra. da Graça para proteger a outra barra de entrada do rio Chassis e a povoação de Brancavará, a segunda mais importante da ilha; o forte de Sto. Inácio em Passo Seco, o forte de Derame em Patel-Wadi, o forte de Passo Covo, o forte Novo e a atalaia d'Água para defender as zonas que possibilitariam uma entrada a pé na ilha durante a baixa-mar; na península de Gogolá estava indicada a muralha da vila dos Rumes. De notar ainda a representação das quintas e de um poço, importantes fontes de abastecimento em caso de cerco.

Outros locais

Embora não seja objectivo da presente comunicação aprofundar a análise das imagens referentes a outros locais da PN para além das suas quatro cidades, cabe pelo menos mencioná-las de modo a completar a listagem que nos propusemos a elaborar. Assim, e por ordem cronológica, a primeira imagem deste grupo é da autoria de Herédia e trata-se de um perfil muito esquemático e lacónico da fortificação de Danu. Esta pequena povoação foi retratada pelo cartógrafo talvez por ser uma escala frequente nas viagens entre Baçaim, Damão e Diu. Em redor daquilo que aparenta ser uma casa-torre dotada de um baluarte, vê-se uma paliçada e algumas árvores⁷². Barreto de Resende inclui sete vistas de outros locais da PN no Códice de Évora: a zona da Baía de Bombaim e Caranjá; a ilha de Salcete; Agaçaim e Manorá; Asserim; Sirgão e Mahim-quelme; Tarapur; e Sangens.

⁷¹ Os baluartes de Sta. Teresa e de Sta. Luzia foram terminados em meados do séc. XVII (QUADROS, Jerónimo. Epigrafia de Diu. O Oriente Português. Bastorá, nr.11, pp.19-21, 1935).

⁷² Para uma descrição de Danu, v. GODINHO, Pe. Manuel, *Relação do novo caminho que fez por terra (...)*. Lisboa: Na Officina de Henrique Valente de Oliveira, 1665, pp. 12, 13.

De grande valor histórico é a carta do arquipélago de Bombaim do Arquivo Histórico Ultramarino que data de 1665, escassos meses depois da zona ter sido cedida aos ingleses. Esta representação foi elaborada para ilustrar uma missiva que o vice-rei Mello e Castro enviou à metrópole em Janeiro de 1666, consternado com o futuro da PN face ao desenvolvimento económico de Bombaim⁷³.

Segue-se uma pouco conhecida carta de costa onde figura uma curiosa representação do perímetro defensivo da antiga casa senhorial fortificada de Bombaim, transformada pelos ingleses no “castelo” de Bombaim. Este documento, da autoria de João Teixeira Albernás II e com acrescentos franceses, é datável de 1674 e constitui a única representação conhecida que mostra a fortificação com três baluartes, ou seja, numa fase de transição entre os dois baluartes de origem portuguesa para os quatro que ainda hoje completam o castelo de Bombaim⁷⁴.

Para além da já referida carta de 1738-1739 do antigo distrito de Baçaim, que individualiza vários locais e das representações dos ataques à capital da Província do Norte, conhecem-se apenas representações de Taná, principal vila da ilha de Salcete e primeira fortificação portuguesa a ser ocupada na campanha marata, que teve início em Abril de 1737. Existem cinco documentos em Portugal e ainda dois na Biblioteca nacional do Brasil que ilustram de forma compreensiva não apenas o traçado urbano de Taná mas também todo processo de construção do seu forte ou cidadela e ainda da projectada muralha para defender a vila. São documentos que merecem um estudo aprofundado visto que, em conjunto com a documentação manuscrita coeva, documentam um interessante processo de arquitectura militar⁷⁵.

Finalmente, e a completar a lista de documentos cartográficos e iconográficos de origem portuguesa sobre a antiga PN do Estado da Índia, existe um pequeno esquisso do convento fortificado de Bandorá, datável de ca. 1720, duas décadas antes de ter sido demolido pelos ingleses no contexto da derrota portuguesa face aos exércitos maratas⁷⁶.

⁷³ [Mapa de Bombaim], [S.n., s.d.], [1665], Ms. X CM n. 694 (330), Arquivo Histórico Ultramarino. A carta do vice-rei foi publicada em BIKER, Júlio Firmino, *Collecção de Tratados e concertos de pazes (...)*, Tomo III. Lisboa: Imprensa Nacional, 1883, pp. 94-96.

⁷⁴ MOTA, A. Teixeira da. *Cartas Portuguesas antigas na colecção de Groote Schuur*. Lisboa: Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 1977, pp. 22-28 e fig. 28.

⁷⁵ Os cinco documentos existentes em Portugal são: Planta de Tannâ, [S.l. : s.n.], [1739], Doc. 1/G/54, Sociedade de Geografia de Lisboa; Planta da Cidadella de Tanna e da obra que nela se cortou pelo rio, [S.l. : s.n.], [ca. 1735-1737], Doc. D. 321 A., Biblioteca Nacional de Portugal; Planta da Cidadella de Tanna Perspectiva de Dous Balluartes e 3 Cortina Desta Cidadella, [S.l. : s.n.], [ca. 1735-1737], Doc. D. 333 A., Biblioteca Nacional de Portugal; Planta e Desenho da Linha e Cidadella da Frotl.za de Tanna [S.l. : s.n.], [ca. 1735-1737], Doc. D. 334 A., Biblioteca Nacional de Portugal; Planta de Tanna [S.l. : s.n.], [ca. 1735-1737], Doc. D. 335 A., Biblioteca Nacional de Portugal. Os dois documentos existentes no Brasil são: Planta da Cidadella de Tannâ, [S.l. : s.n.], [ca. 1735-1737], Doc. ? da Biblioteca Nacional do Brasil; Planta de Tanna [S.l. : s.n.], [ca. 1735-1737], Doc. D. 335 A., Biblioteca Nacional de Portugal. Os dois documentos existentes no Brasil são: Planta de Tanna, [S.l. : s.n.], [ca. 1735-1737], Doc. ? da Biblioteca Nacional do Brasil.

⁷⁶ Esta gravura foi publicada em FERNANDES, A. Braz. *Bandra: its Religious and Secular History*. Bombay, 1927.

Sidh Losa Mendiratta

Joaquim Rodrigues dos Santos

Referências bibliográficas (edições consultadas):

(Anónimo). Breve Tratado ou Epilogo de Todos os Visorreys, que tem Havido no Estado da Índia, Successos que Tiverão no Tempo dos seus Governos, Armadas de Navios, e Galeões, que do Reyno de Portugal Forão ao Dito Estado, e do que Succedeo em Particular a Alguas Dellas nas Viagens que Fizerão. Descripções das Fortalezas da Índia Oriental (códice MSS *Fonds Portugais n° 1* da Bibliothèqure Nationale de Paris, c.1636)

(Anónimo). O Lyvro de Plantaforma das Fortalezas da Índia. Lisboa: Edições Inapa, 1999 (*fac simile* do códice n° 1805 da Biblioteca da Fortaleza de S. Julião da Barra em Oeiras, c.1620/c.1640)

BAIÃO, António. História Quinhentista (Inédita) do Segundo Cêrco de Dio. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 1925

BARROS, João de, COUTO, Diogo de. Décadas da Ásia. Lisboa: Régia Officina Typografica, 24 vols., 1777-1778.

BOCARRO, António. Livro das Plantas de todas as Fortalezas, Cidades e Povoaçoes do Estado da Índia Oriental com as Descripçoens da Altura em que Estão, e de Tudo que ha Nellas, Artilharia, Presidio, Gente de Armas, e Vassalos, Rendimento, e Despeza, Fundos, e Baxos das Barras, Reys da Terra Dentro, o Poder que tem, e a Paz, e Guerra, que Guardão, e Tudo que Esta Debaxo da Coroa de Espanha. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 3 vols., 1992 (*fac simile* do códice COD. CXV/2-X da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, 1635)

CARNEIRO, António de Mariz. Descripçam da Fortaleza de Sofala, e das Demais da Índia com uma Rellaçam das Religiões Todas, que há no Mesmo Estado. Lisboa: Fundação Oriente, 1990 (*fac simile* do códice *llum. n° 149* da Biblioteca Nacional de Lisboa, 1639)

CASTANHEDA, Fernão Lopes de. História do Descobrimto e Conquista da Índia pelos Portugueses. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 4 vols., 1924 (1° ed. 1551-1561)

CASTRO, João de. Roteiro de Goa a Dio. Lisboa: Agência Geral das Colónias, 2 vols., 1940 (*fac simile* do códice *Col. S. Vicente, Tomo XV, pp. 183 seqq.* do Arquivo Nacional da Torre do Tombo em Lisboa, c.1588)

CORREIA, Gaspar. Lendas da Índia. Porto: Lello & Irmão Editores, 4 vols., 1975 (*fac simile* do códice *PT-TT-CF040/43* do Arquivo Nacional da Torre do Tombo em Lisboa, meados do séc. XVI)

CORTESÃO, Armando, MOTA, Avelino Teixeira da. Portugaliae Monumenta Cartographica. Lisboa: Comissão Nacional para a Comemoração do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 6 vols., 1960

COUTINHO, Lopo de Sousa. Historia do Cerco de Diu. Coimbra: Real Collegio das artes da Companhia de Jesus, 1556

CUNHA, Mafalda Soares da (Coord.). Os Espaços de um Império - Estudos. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimtos Portugueses, 1999

DIAS, Pedro. Diu em 1634 - Documentos e Notas para um Retrato de uma Praça Portuguesa no Guzarate. Lisboa: Academia de Marinha, 2002

DIAS, Pedro. História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822) - O Espaço Índico. Lisboa: Círculo de Leitores, 1998

IV Simpósio LusoBrasileiro de Cartografia Histórica
ISBN 978-972-8932-88-6

- GARCIA, José Manuel. Cidades e Fortalezas do Estado da Índia (Séculos XVI e XVII). Lisboa: Quidnovi, 2009
- GODINHO, Manuel. Relação do Novo Caminho que fez por Terra e Mar, Vindo da Índia para Portugal, no Anno de 1663. Lisboa: Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, 1842
- HERÉDIA, Manuel Godinho de. Plantas de Praças das Conquistas de Portugal Feytas por Ordem de Ruy Lourenço de Tavora Vizo rey da Índia (códice CAM - 3,5 da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1610)
- LOPES, Nuno. As Estruturas Fortificadas de Diu. Dissertação de Mestrado Integrado, Departamento de Arquitectura da Universidade de Évora (texto policopiado). Évora, 2010.
- MATTOSO, José (dir.), ROSSA, Walter (coord.). Património de Origem Portuguesa no Mundo - Arquitetura e Urbanismo (Ásia, Oceania). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010
- MENDES, A. Lopes. A Índia Portuguesa: Breve Descrição das Possessões Portuguezas na Asia. Lisboa: Imprensa Nacional, 2 vols., 1886
- NUNES, A. R. Pereira. Diu - História. Pangim: Imprensa Nacional, 1907
- NUNES, Leonardo. Crónica de Dom João de Castro. Cambridge: Harvard University Press, 1936 (códice do séc. XVII)
- PEREIRA, A. B. de Bragança. Os Portugueses em Diu. Bastorá: Tipografia Rangel, 1938
- QUADROS, Jerónimo. Epigrafia de Diu. O Oriente Português. Bastorá, nr.11, pp.8-70, 1935
- QUADROS, Jerónimo. Catálogo do Museu Archeologico de Diu. Nova Goa: Imprensa Nacional, 1907
- QUADROS, Jerónimo. Diu - Apontamentos para a sua Historia e Chorographia. Pangim: Tipographia Fontainhas, 1899
- RESENDE, Pedro Barreto de. Livro do Estado da Índia Oriental Repartido em Tres Partes, a Primeira Contem Todos os Retratos dos Vizorreis que tem Avido no Dito Estado athe o Anno 634, com Discripsis de seus Governos, A Segunda Parte Contem as Plantas das Fortalezas que há do Cabo da Boa Esperança athe a Fortaleza de Chaul e com Larga Descripcao de Tudo o Mais que lhe Toca, A terceira Contem as Plantas de Todas as Fortalezas que ha de Goa athe a China, com Descripção da Mesma Forma, e vão Juntamente Plantas de Fortalezas que não são do Estado que por Estarem nas Mesmas Costas se Puzerão por Curiozidade (códice Sloane MS. 197 da British Library de Londres, c. 1646)
- ROSSA, Walter. Cidades Indo-Portuguesas. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997
- SANTOS, Joaquim Rodrigues dos, MENDIRATTA, Sidh. Descodificando Barreto de Resende - As vistas de Diu, Damão e Goa. Actas do VIII Congresso dos Monumentos Militares – Fortificação Costeira: Dos Primórdios à Modernidade. Lisboa (no prelo)
- SANTOS, Joaquim Rodrigues dos, MENDIRATTA, Sidh, Sistemas Defensivos das Ilhas de Tiswadi e de Diu (séc. XVI-XVIII). CEAMA, Almeida, nr.5, pp. 92-106, 2009
- SILVEIRA, Luís. Ensaio de Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 4 vols., 1956
- SOUSA, Manuel de Faria e. Ásia Portuguesa. Porto: Livraria Civilização, 6 vols., 1945/47 (fac simile do códice RES. 4385-4387 V da Biblioteca Nacional de Lisboa, 1666-75)